

## **Geografia na escola rural: o caso da Escola Municipal Rural Polo Lino Gedeão**

### *Geography in rural school: school case Municipal Rural Polo Lino Gedeão*

**Alessandra Souza Gouveia**

Universidade Estadual de Goiás - UEG

[alessandragouveia93@hotmail.com](mailto:alessandragouveia93@hotmail.com)

**José Novais Jesus**

Universidade Estadual de Goiás - UEG

[novaisdejesus@yahoo.com.br](mailto:novaisdejesus@yahoo.com.br)

---

#### **Resumo**

Durante longos períodos o campo foi, e ainda é, um cenário de grandes mudanças. Em meio a lutas, manifestações, conflitos e modernização, uma parcela da sociedade brasileira ficara esquecida, entre estes, cidadãos do campo que resistiram a migração campo-cidade e apresentam-se em números significativos, sendo merecedores de um saber que valorize sua tradição. Neste sentido surge o ensino escolar específico para os sujeitos do campo, no intuito de atender aos seus anseios. Esta discussão é primordial para a compreensão do contexto escolar rural da atualidade. Nesta perspectiva, o contexto do ensino-aprendizagem na Escola Municipal Rural Pólo Lino Gedeão, foi alvo de reflexões que comprovaram o desrespeito para com o indivíduo do campo. Contudo, eis que têm-se a geografia possibilitada a uma compreensão mais aguçada do espaço geográfico, mas nada se concretiza sem a ação de um professor com formação adequada. Cabe refletir sobre a necessidade de uma reformulação no ensino, tanto da geografia quanto do rural, para que o mesmo venha a ser ativo e dinâmico, tornando-se realmente válido para os camponeses, ao desfazer o dualismo, causado por uma educação descontextualizada entre ensino e realidade.

**Palavras-chave:** Migração. Campo-Cidade. Tradição. Geografia. Professor.

---

#### **Abstract**

During long periods the course was, and still is, a backdrop of major changes. Amid struggles, demonstrations, conflicts and modernization, a portion of Brazilian society had been forgotten, among these, of course citizens who resisted the rural-urban migration and present in significant numbers, being worthy of a knowledge that values tradition. In this sense arises specific school education for the subjects of the field, in order to meet their expectations. This discussion is vital to the understanding of today's rural

school context. In this perspective, the context of teaching and learning at the Municipal School Rural Pole Lino Gedeão was the target of reflections that proved disrespect for the individual field. However, here they have an enabled Geography a keener understanding of geographical space, but nothing materialized without the action of a teacher with proper training. It is reflect on the need to reformulate the teaching of both Geography as rural, so that it will be active and dynamic; making it true for farmers, to undo the dualism caused by a decontextualized education among school its reality.

**Keywords:** Migration. Field-City. Tradition. Geography. Teacher.

---

## **Introdução**

As reivindicações da população do campo, desde o fim do século passado, fizeram necessário repensar as práticas de ensino nas escolas rurais, e propuseram uma profunda reflexão sobre a educação no/do campo. Essa reflexão manifestou-se de forma positiva na legislação brasileira por meio de leis, decretos e projetos governamentais, propondo melhores alternativas às instituições de ensino rural, porém, a passos lentos, que pouco modificaram a estrutura organizacional dessas escolas.

A escola do campo surgiu na expectativa de atender aos anseios das famílias camponesas, por meio de um ensino contextualizado com sua realidade, capaz de formar cidadãos do campo capazes de permanecer no campo e dele tirar o próprio sustento oriundo do trabalho com a terra e, assim, minimizar os efeitos da migração campo-cidade.

Vítimas da violência do capital, estes sujeitos adotaram como “saída” a educação do campo. Esta seria primordial para dar continuidade aos costumes campestres, por meio do ensino às gerações futuras, visando a sustentabilidade para o rural.

No entanto as escolas do campo não receberam condições e recursos financeiros para exercer o devido papel. Assim, decorrente de uma série de negações e submissão, as escolas rurais continuam dependentes de padrões urbanos, professores sem formação específica, reproduzindo padrões urbanos e desvalorizando a cultura das famílias camponesas ao praticar um ensino excludente, ou seja, que não contribui para a permanência no campo.

Na presente obra serão abordados assuntos frutos de uma análise da Escola Municipal Rural Lino Gedeão, localizada no município de Quirinópolis/GO. As reflexões seguintes contribuem para informar à população sobre a importância de um ensino contextualizado com a realidade e como ele pode contribuir para o fortalecimento do campesinato e, conseqüentemente, para melhorar as relações entre o homem e o lugar de vivência.

A pesquisa se concretizou através de visitas e da relação cotidiana com a escola analisada, no ano de 2015. A obra justifica-se pela necessidade de uma compreensão aprofundada sobre a contextualização do ensino rural, que encontra-se em vigor nas quatro escolas rurais de Quirinópolis/GO, especialmente, na Escola Municipal Rural Pólo Lino Gedeão, objeto de estudo desta pesquisa.

Dentre diversas tentativas para garantir um ensino eficaz as políticas públicas intervêm para assegurar os direitos do camponês a partir do reconhecimento da sociedade e dos poderes públicos. A discussão até então refletida é primordial para a compreensão do contexto escolar rural do século XXI, onde a legislação é “teoricamente” harmônica, porém não se faz presente no cotidiano escolar do campo. Neste sentido se fez necessária uma avaliação *in loco*, onde os trabalhos de campo ofereceram meios para afirmar as questões apontadas anteriormente.

Um relevante para o ensino de Geografia é compreender sua execução a partir da formação profissional e das metodologias utilizadas nas aulas cotidianas desta disciplina. No entanto, percebeu-se que, os profissionais que lecionam os conteúdos geográficos possuem graduação distinta da área e pautam seus ensinamentos, com grande frequência, apenas no livro didático, que, por sua vez, também desvaloriza o espaço de localização da escola.

A partir desta linha de raciocínio, pretende-se apresentar os desafios cotidianos que circundam a comunidade escolar rural Lino Gedeão, na intenção de refletir sobre a perspectiva de um ensino “novo”, pensado realmente para a população campesina, que contextualize as teorias da ciências com o lugar, capaz de contribuir para a permanência do homem do campo em seu local de origem.

### **O ensino de geografia na escola Municipal Rural Pólo Lino Gedeão, município de Quirinópolis (GO)**

O município de Quirinópolis está localizado na mesorregião Sul Goiano e pertence a microrregião Quirinópolis juntamente com mais nove municípios, entre eles se destaca como o principal e mais populoso. Sua área total é de 3.786 Km<sup>2</sup> e a população, segundo censo de 2010, era de 43.220 habitantes (IBGE CIDADES). Desta população, residem no rural apenas 5.057 pessoas, sendo os demais 38.163 habitantes do urbano.

Faz-se necessário uma reflexão sobre a finalidade do lugar para os camponeses quirinopolinos, pois, os resultados apontam que há apenas 12% da população residindo no campo, ou seja, é preciso compreender as relações socioespaciais desses sujeitos a partir do lugar, pois “pensar a vida cotidiana no lugar é pensar que o mundo está no lugar, com todas as mediações necessárias – o Estado sendo o principal” (DAMIANI, 2007, p.168), deste modo há uma valorização da identidade cultural local, e o camponês encontrar-se-ia contextualizado às suas práticas e à realidade de seu ambiente de vivência.

A Escola Municipal Rural Pólo Lino Gedeão, situada na microrregião Inhumas, do município de Quirinópolis/GO, é responsável pela educação de, aproximadamente, 140 alunos, entre eles crianças, adolescentes e jovens. Diariamente a escola enfrenta uma série de desafios, na tentativa de proporcionar um ensino de qualidade aos filhos e filhas de camponeses, pequenos proprietários e trabalhadores de fazendas que residem às suas proximidades.



**Figura 1:** Dependências da Escola Municipal Rural Polo Lino Gedeão.

**Fonte:** Acervo pessoal do autor.

A realidade da escola não é diferente da maioria localizada no espaço rural em âmbito nacional. Nem todos os professores da instituição tem formação para área em que atua e maioria leciona na escola rural como oportunidade de completar carga horária, que em muitos casos, não foi preenchida totalmente com aulas nas escolas urbanas.

Neste contexto destaca-se a Geografia, a qual não possui profissionais graduados na área para lecionar o conteúdo geográfico, porém um deles afirmou ter feito curso que proporcionou conhecimento específico capacitando-o a ministrar aulas desta disciplina. São dois os professores responsáveis pela disciplina e nenhum deles reside no espaço rural, sendo transportados diariamente até à escola para exercerem suas atividades.

Os profissionais que trabalham na escola desconhecem as divergências entre um ensino para o campo e um ensino rural, assim tornam-se leigos ao próprio ambiente de trabalho, dando continuidade ao desrespeito à cultura camponesa.

Dessa perspectiva, os estudiosos alertam para a necessidade de se considerarem o saber e a realidade do aluno como referência para o estudo do espaço geográfico. O ensino de Geografia, assim, não se deve pautar pela descrição e enumeração de dados, [...] o ensino deve propiciar ao aluno a

compreensão do espaço geográfico em sua concretude, nas suas contradições (CAVALCANTI, 1998, p.20).

Apesar do contexto globalizado em que o mundo atual está inserido, a Geografia deve provocar inquietações nos estudantes ao analisar o global a partir do lugar. Os conteúdos geográficos disponíveis para o ensino aprendizagem não proporcionam o exercício do pensamento crítico particular. Estes persistem em interpretações superficiais de assuntos sociopolíticos que não favorecem o crescimento intelectual e cultural dos alunos.

No ensino de Geografia, ao enfatizar o cotidiano dos estudantes reforça-se a sensação de pertencimento para com o mesmo. Essa ação é primordial para a construção de uma identidade cultural a partir do contexto rural em que a unidade escolar está inserida. Segundo Tuan (1983, p. 6), “o que começa com espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”.

Se não há a valorização do espaço, o mesmo nunca será um lugar para aqueles que ali vivenciam e/ou vivenciaram momentos de sua vida. Neste caso as relações cotidianas são insuficientes para atender as especificidades do campo. Segundo Jesus (2015, p. 23) “o projeto da Educação do campo tem como propósito abolir a esse modelo que não respeita a vida, [...]”.

A escola participa diretamente da formação dos alunos do campo através da educação, no entanto, a mesma escola contribui no processo de migração campo-cidade ao negar o conhecimento adequado para a construção do saber. Cavalcanti (1998, p.16, grifo do autor) afirma que,

O espaço foi perdendo, assim, sua significação absoluta no *lugar* para ganhá-la na lógica do poder, da expansão capitalista. Da mesma forma, o tempo tomado como linear e progressivo foi sendo substituído por um tempo cíclico e instável, em razão de que seu sentido passou a ser ligado ao próprio processo produtivo.

O processo produtivo abordado pela autora justifica o modelo de produção que envolve os tempos atuais. Estes modelos capitalistas visam apenas a lucratividade, passando por cima de todos os obstáculos em seu caminho. Neste sentido, o ensino surge como estratégia, pois, ao incentivar o modelo de produção capitalista a própria

escola expulsa o indivíduo do campo para o urbano, causando, frequentemente, a perda de alunos da instituição rural para as urbanas.

Essa situação de permanência dos alunos na escola preocupa não apenas os gestores, mas também toda a comunidade rural. Maior parte dos estudantes são filhos de trabalhadores do campo, estes tem endereços temporários e, constantemente, submetem-se a mudanças, estas impulsionadas pelo processo produtivo atual, migrando para regiões distantes ou espaços urbanos em busca de emprego, o que diminui gradativamente os número de estudantes na unidade escolar.

De acordo com informações da direção a escola Lino Gedeão, assim como as demais do espaço rural, está sujeita a encerrar as atividades de extensão do Ensino Médio do Colégio Estadual Independência, devido ao número decrescente de jovens do campo que procuram a escola rural. Segundo a diretora, isto acontece pelo baixo interesse destes jovens em continuar as tarefas rurais iniciadas por sua família, ou seja, não cogitam a hipótese de sustentar-se a partir das atividades realizadas no campo.

O motivo deste abandono do campo, de acordo com as respostas do questionário, está ligado às oportunidades que a cidade oferece aos jovens como, um bom emprego, instituições de curso superior e as relações sociais frequentes, ou seja, o contato com um número maior de pessoas.

Ao observar os questionários respondidos por estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental II até o 3º ano do Ensino Médio, percebe-se um grande percentual de alunos da unidade escolar rural descontentes com sua residência, os quais não pretendem continuar morando no campo.

Ao analisar a resposta destes alunos notou-se que, 44% não pretendem continuar morando no campo, estes deixaram claro que a cidade oferece melhores condições de vida. No entanto, os 53% que desejam continuar vivendo no espaço rural disseram que esta opção seria válida apenas até concluir os níveis de ensino básico que a instituição oferece e que após isso pretendem morar na cidade. De acordo com essa perspectiva, futuramente, se a hipótese de fechar o Ensino Médio vigorar, os jovens terão de ir mais cedo para a cidade continuar seus estudos.

Pelo exposto, percebe-se que enquanto estivermos presos a uma interpretação apenas teórico-administrativa, sem considerarmos as matrizes sócio-

históricas e epistemológicas da educação no meio rural, estaremos apenas dando continuidade a um processo, por natureza, desigual e excludente (LEITE, 2002, p.89).

Compreende-se que, as questões que cercam o ensino rural brasileiro discorrem desde o século passado e, atualmente, é apenas a continuação de um processo iniciado em outras décadas.

O investimento político é pouco satisfatório, tendo em vista que o incentivo aos professores é praticamente nulo, contando apenas com um pequeno bônus salarial, com poucos cursos de preparação (nenhum voltado para o ensino “do” campo). O transporte oferecido aos professores e alunos (conforme exposto na figura 3) não dispõe de boas condições, muito menos a sensação de segurança e conforto que deveria proporcionar.



**Figura 2:** Transporte escolar dos alunos e professores.

**Fonte:** Acervo pessoal do autor.

Entre os alunos matriculados na escola, a maioria são da própria microrregião Inhumas, onde localiza-se a escola rural, e também de microrregiões vizinhas que a circundam. Percebe-se que maioria dos estudantes residem próximo à instituição, com isto os alunos passam um tempo menor na estrada.

Porém, os demais percorrem distâncias mais longas devido à localização de suas residências, em outras microrregiões como, Invejosa, Douradinho e, entre as outras

abordadas, alguns estudantes se deslocam de microrregiões rurais do município vizinho, Cachoeira Alta.

Os obstáculos emperram o desenvolvimento do ensino e, possivelmente, uma educação de qualidade para estes estudantes das escolas rurais, onde as ações limitam-se apenas ao mínimo do conhecimento básico exigido pela legislação. Leite (2002, p. 85) afirma que,

A escola, como realidade específica nesses minicontextos, deixa de lado sua especificidade de correlação entre forças sociais e, aglutinando-se no emaranhado de justificativas e proposições filosófico-pedagógicas distantes de suas proposições naturais, aos poucos, vai perdendo sua identidade e sua referência como centro do processo comunitário.

Esta é a realidade de maioria das instituições de ensino rural espalhadas no campo brasileiro, o que não é diferente na Escola Municipal Rural Pólo Lino Gedeão. O espaço escolar é cercado de um contexto produtivo diversificado, podendo extrair deste cotidiano o melhor conteúdo a ser exposto em sala de aula, no entanto, enquanto isto não acontece a instituição permanece em estado educacional “vegetativo”, ou seja, não apresenta conhecimentos correlacionados às ações sociais do grupo que está inserida.

Neste sentido o processo educacional excludente continua a negar o próprio lugar de vivência dos estudantes, sendo este praticamente inexistente para o conteúdo trabalhado em sala de aula. Percebe-se que o processo ensino aprendizagem nas instituições rurais contribui para o conhecimento de uma vida universalizada, ou seja, atentando-se aos acontecimentos da exterioridade, fora do contexto a qual pertence.

Contudo, a partir desta pesquisa pretende-se analisar a contribuição da Geografia para o conhecimento dos estudantes do campo, a partir do ensino trabalhado em sala de aula. Para isto serão também avaliados os níveis de formação e capacitação dos profissionais envolvidos, além das metodologias adotadas na prática, assim pode-se apontar os desafios e traçar possibilidades inovadoras na perspectiva de um ensino melhor.

### **O ensino de geografia: formação dos professores e metodologias aplicadas**

O ensino de Geografia na escola localizada no campo detém uma vasta área de pesquisa a qual os professores podem pautar suas aulas baseando-as no espaço geográfico que circunda a instituição de ensino, onde o mesmo tem o papel de laboratório aos conteúdos da disciplina abordada.

A Escola Municipal Rural Pólo Lino Gedeão conta com dois professores ministrantes da disciplina de geografia, sendo um deles responsável pelas aulas do Ensino Fundamental fase II e o outro do Ensino Médio. Os profissionais responsáveis por esta disciplina não são graduados na área, portanto não disponibilizam de conhecimentos específicos para promover uma prática educativa adequada e aprofundada.

A escola é apenas a instituição e as normas são seguidas de acordo com a Secretaria da Educação Municipal, portanto os funcionários recebem suas funções de acordo com a necessidade do município proporcionando situações como estas, onde professores de outras áreas lecionam os conteúdos geográficos.

Ao assumir aulas de disciplinas distintas de sua formação o professor está abraçando um desafio. Para dispor de um ensino de qualidade o profissional de geografia deve disponibilizar uma compreensão considerável sobre a leitura dos gráficos, tabelas, coordenadas de localização e, principalmente, mapas. Conforme aborda Guimarães (2007, p.50),

Dentre as múltiplas linguagens do ensino de Geografia, merece destaque o trabalho com a cartografia, que precisa estar presente durante todo o percurso escolar dos alunos. [...] Ou seja, os alunos têm que, em um estágio inicial, aprender a construir mapas, para que possam tornar-se leitores de mapas, interpretando de modo mais significativo o que esses documentos comunicam.

No entanto, o professor de outra área não possui domínio suficiente para lecionar estes conteúdos de forma adequada, assim a disciplina sujeita-se a apenas uma transmissão de saberes do livro didático ao aluno, sem aprofundar os assuntos abordados, nem aguçar o pensamento crítico dos leitores, neste caso os estudantes.

Os professores atuantes na escola, tanto os de geografia quanto os de outras disciplinas, possuem residência na cidade de Quirinópolis, apenas alguns, minoria deles, moram em fazendas de regiões próximas à escola. Contudo, ao indagar estes

profissionais sobre as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo 84% disseram que as desconhecem, o que nada contribui para o ensino aprendizagem dos alunos do campo, porém aqueles que disseram conhece-las não conseguiram completar o questionário ao ser indagados sobre como elas são colocadas em prática no cotidiano escolar.

As Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo constituem a base orientadora, desde o desenvolvimento até a avaliação, das ações pedagógicas das redes de ensino nacionais. Foram elaboradas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) e encontram-se à acesso da população na Resolução Nº 2, de 28 de abril 2008

Nota-se que, os profissionais da instituição lecionam sem conhecer realmente as necessidades e carências do cotidiano que trabalham. Neste contexto os alunos passam despercebidos sobre seus direitos de educação por falta de informação e os professores também refletem essa deficiência de saber, pois não informam-se de seus deveres como profissionais do campo.

O processo de ensino e aprendizagem dos alunos da escola rural deve estar a favor das questões sociais que ali permeiam. Nesta perspectiva e educação do campo é uma alternativa para instigar o pensamento crítico dos alunos perante o meio onde vive. Para isto necessita-se não apenas de teorias que legalizem sua existência, mas profissionais capacitados especificamente para exercer sua função de acordo com o ambiente trabalhado.

Ao indagar os professores sobre os cursos profissionalizantes preparatórios para lecionar nas escolas situadas no campo, percebeu-se que, praticamente, não existem professores qualificados para atuar nessa área. Dentre os resultados nota-se que, 92% dos professores não foram preparados para lecionar nas escolas no campo. Os profissionais da educação destacaram que não houve, e não há, nenhuma oferta de cursos preparatórios, específicos para lecionar nas escolas rurais, por parte da Secretaria Municipal de Educação.

Segundo o professor X é necessário “capacitar os professores para conhecer a realidade rural, pois a maioria nunca morou ou sabe o que é uma fazenda”<sup>1</sup>. Neste

---

<sup>1</sup>Entrevista realizada em Setembro de 2015

contexto percebe-se que, há muitas falhas no planejamento das escolas do campo, pois além de seus profissionais atuarem em áreas distintas de sua graduação, os mesmos não estão aptos a lidar com situações do cotidiano camponês, são meros professores cidadãos deslocados para uma realidade totalmente diferente de sua convivência.

A educação vai além dos conteúdos da sala de aula. O ensino envolve um contexto complexo de teorias e práticas a fim de formar cidadãos conscientes de suas escolhas e atitudes, ou seja, seres críticos pensantes capazes de fazer suas próprias escolhas levando em consideração seu contexto sociocultural e poder assim promover o desenvolvimento do campo.

As práticas didáticas são fundamentais no processo ensino-aprendizagem, quando se trata de uma escola do campo algumas dificuldades são apresentadas pelos professores na utilização destes materiais pedagógicos. O aluno precisa de incentivo educacional para absorver de forma positiva os conteúdos trabalhados. Gonzáles (2012, p.76) destaca que “uma competência que necessita de mais investigação é a referida à utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) nas aulas”. Ainda sobre o assunto Jesus (2010, p. 192) relata que,

Outras dificuldades relatadas pelos professores de Geografia é no que diz respeito à falta de material didático adequado, infraestrutura, recursos tecnológicos, internet na escola, jornal, revistas e a falta de conhecimento, por não terem formação na área em que está atuando.

Segundo as afirmativas percebe-se que, a utilização de recursos metodológicos e a formação docente implicam numa maior atividade e desenvolvimento do aluno. Porém no levantamento feito na Escola Municipal Rural Pólo Lino Gedeão percebeu-se que pouco se usa destes recursos nas aulas cotidianas. Em uma pesquisa de campo realizada na escola, ao indagar os alunos sobre a utilização de tecnologias nas aulas de Geografia 77% destes responderam que não, 20% afirmaram que muito pouco são explorados os conteúdos através das TICs.

Ao questionar os alunos do 6º do Ensino Fundamental II até os estudantes do 3º ano do Ensino Médio sobre os recursos metodológicos e sua aplicabilidade em sala de aula obteve-se um resultado negativo sobre este procedimento. Cerca de 70% dos

estudantes afirmaram que os professores de Geografia têm como recurso didático apenas o livro e o quadro negro.

Estes dados enfatizam a precariedade do ensino nas escolas do campo. Sobre as escolas brasileiras Vesentini (2004, p. 192) relata que há “uma generalizada falta de equipamentos: ausência quase total de vídeos, computadores, projetos em geral (principalmente os multimídia), mapas, maquetes, laboratórios e algumas vezes até de um simples quadro com giz”. Apesar de não possuir laboratório de informática, nem internet, a escola dispõe de matérias como data show, televisão, DVD, lousa digital, entre outros que possibilitam uma aula diferenciada no intuito de melhorar o ensino, porém poucas vezes, ou quase nunca, são utilizados.

Contudo ao questionar os professores sobre os recursos tecnológicos os mesmos defenderam-se afirmando que estes recursos estão sim em seus planejamentos de aula e que algumas vezes recorrem a eles na aplicação de conteúdos, mas não com grande frequência.

Percebe-se que, os conteúdos das disciplinas, de forma geral, são pautados apenas em uma aula expositiva dialogada, o que não favorece o desenvolvimento intelectual dos alunos. Para uma educação de qualidade deve-se intervir de forma positiva no ensino aprendizagem, através de simples projetos, seminários, aulas práticas ou, simplesmente, com a utilização de recursos didáticos, ou seja, aproximar a educação da realidade tecnológica, sendo a mesma tão importante para os jovens.

É dever do professor elaborar planos de aula no intenção de evitar improvisos na aplicação dos conteúdos, portanto toda ação a ser tomada no exercício de sua função estará planejada conforme seu cronograma e os imprevistos também participam desta programação. Para isto as metodologias surgem como orientação de um roteiro, desde o início, os recursos a serem utilizados, sua aplicabilidade e os resultados esperados.

No entanto, ao indagar os professores sobre as metodologias adotadas para a execução das aulas de Geografia percebeu-se que, os mesmos afirmaram utilizar tecnologias na explanação de conteúdos, porém quando questionados sobre as metodologias as respostas obtidas foram um tanto quanto contraditórias.

A maior parte das aulas ministradas são de caráter expositiva e dialogada, com explanações verbais e estudos de textos do livro didático, conforme apontado pelos

alunos do 6º e 7º anos, os que mais reclamaram da situação das aulas de Geografia, apontando que a professora não contribui para o conhecimento da disciplina, pois suas aulas são sempre iguais, baseadas no livro e com atividades repetitivas.

O professor de Geografia do Ensino Médio se defende com a seguinte afirmativa “a escola não dispõe de espaço para trabalhos complementares, nem possui biblioteca e não há conexão com a internet”<sup>2</sup>. A partir desta afirmativa e com os resultados a cima apresentados pode-se concluir que, há um desinteresse, tanto por parte da gestão pública quanto por parte dos professores, em inovar nas práticas pedagógicas cotidianas. Neste contexto, a aula torna-se insuficiente, pois segundo Freire (1996, p.12) “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablá e a prática, ativismo”.

A partir das observações e pesquisas realizadas na instituição de ensino, em especial nas aulas de Geografia, conclui-se que há uma defasagem no ensino quanto as atitudes tomadas pelos professores, a maior delas está na relação teoria/prática a qual não existe uma alternância. Esta questão está diretamente ligada a aprendizagem dos alunos, pois uma ação repetitiva torna-se desinteressante aos mesmos e, portanto, não desperta curiosidade sobre o conteúdo lecionado.

Os resultados a cima apontados são consequência de um ensino sem coerência e descontinuo. Percebe-se que a disciplina de Geografia está na responsabilidade de profissionais graduados em áreas distintas e mesmo que tenham semelhanças não capacitam o profissional de tal maneira a discorrer de forma clara os conteúdos geográficos. Apesar de muitos os obstáculos que permeiam o ensino de Geografia e os fazem superficiais, a disciplina não está entre as mais desinteressantes para os alunos, principalmente, se tratando de questões ambientais e agrárias.

### **Considerações Finais**

A pesquisa proporcionou a compreensão da realidade da educação e nas escolas rurais, a partir da instituição verificada. O resultado obtido deixa claro que, é necessário repensar sobre a prática escolar rural, pois a educação para o campo é de

---

<sup>2</sup> Entrevista realizada em Setembro de 2015

grande relevância para as famílias que residem no espaço rural, principalmente, para seus filhos e filhas, que estão em processo de construção dos saberes, os quais terão como alicerce para decisões futura.

Analisou-se que, o ensino pensado a partir do contexto de vida campestre possibilita aproximar a relação do homem com o lugar, no caso o rural. Neste sentido há uma valorização dos modos de vida que favorece o conhecimento e motiva os jovens do campo a aprender sobre o seu espaço.

As escolas do campo são importantes para fortalecer o campesinato brasileiro, porém, ao contrapor as vontades do capital, vários desafios são impostos a estas, e seu ensino resume-se em pouco mais que uma alfabetização. De tal modo, ao concluir o ensino oferecido na escola Lino Gedeão, maioria dos alunos migram para a cidade e, raros são aqueles que tem pretensões de retornar ao campo como residente.

Dentre os desafios vivenciados cotidianamente pela escola o maior é a limitação do conteúdo ao livro didático e falta de laboratório de informática. A escola Lino Gedeão está em funcionamento regular, porém não como deveria. Ficou verificado que, existe uma insuficiência de professores qualificados, que possuam o conhecimento específico pra exercer sua atividade no campo. Ao preencher os questionários, os próprios profissionais não disseminaram a educação do campo de uma educação rural.

O que coloca-se em questão nesta abordagem, não é a capacidade do professor de licenciar, mas a preparação deste profissional para lidar, precisamente, com determinada realidade, contribuindo para a vida daquela comunidade rural. Além disso, maioria dos professores que se deslocam para estas escolas a retratam são como uma alternativa, ou seja, licenciam no campo para completar carga horária, muitas vezes professores iniciantes, pela falta de profissionais interessados.

Precisa-se de uma reformulação no sistema educacional rural brasileiro. Não basta criar princípios legais para ter um ensino de qualidade. O homem do campo necessita de algo que é seu por direito e cabe a nós refletirmos sobre a importância do que foi observado e questionado nesta pesquisa, para fomentar uma resolução destes problemas.

Deste modo, o ensino de geografia também carece de redefinições, pois o mesmo, ao competir-se às mãos de profissionais com formação em áreas distintas, perde

a capacidade de aprofundar a seus conceitos e viabilizar o espaço/lugar a qual os sujeitos do campo inserem-se.

Portanto, conclui-se que, a educação do campo não será bem executada sem a (re)organização dos conceitos e práticas educacionais voltados ao campo, em ação conjunta setores político, econômico, social e escola, estabelecendo metas para atender as carências de um povo “violentado” de seus direitos, que, por meio de sua resiliência, continuam no campo, porém, sem esperança de progressos.

## **Referências**

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 17. Ed. Campinas: Papirus, 1998. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

DAMIANI, Amélia Luisa. **A geografia e a construção da cidadania**. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). *A geografia na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1999. p. 50-61.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUIMARÃES, Iara. Ensino de Geografia, mídia e produção de sentidos. In: Associação dos Geógrafos Brasileiros: Terra Livre. **Geografia e ensino**. Ano 23, v. 1, nº 28. Presidente Prudente. 2007. Pg. 1-288. Disponível em: <[http://www.agb.org.br/files/TL\\_N28.pdf](http://www.agb.org.br/files/TL_N28.pdf)>. Acesso em: 08 out. 2015.

GONZÁLEZ, Xosé M. Souto. O interesse da investigação na aprendizagem e didática da Geografia. In: CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella; CAVALCANTE, Lana de Souza; CALLAI, Helena Copetti (Orgs.). **Didática da Geografia: aportes teóricos e metodológico**. São Paulo: Xamã, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **IBGE: cidades@**: Quirinópolis: GO. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=521850>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

JESUS, José Novais de. Escolas Família Agrícola: perspectivas e desafios na construção de um projeto de educação do campo em Goiás. In: SOUZA, Francilane Eulália de. (Org.). **Geografia e Educação do Campo: para que e para quem serve a educação no campo do Estado de Goiás?** Goiânia: Vieira. 2010.

JESUS, José Novais de. A Geografia da Educação no Espaço Rural: debates e proposições. In: JESUS, José Novais de. e SANTOS, Gilberto Celestino (Orgs.). **Geografia e Sujeitos do Cerrado: análises e reflexões**. Goiânia. Kelps. 2015.

LEITE, Sérgio Celani. **Escola rural: urbanização e políticas educacionais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. v. 70. (Coleção Questões da Nossa Época).

TUAN, Yi-fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

VESENTINI, José William. Realidades e Perspectivas do Ensino de Geografia no Brasil. In: VESENTINI, José William (Org.). **O ensino de Geografia no século XXI**. 5. ed. Campinas, SP: Papirus. 2004. (Coleção Papirus Educação).

---

**Sobre a autora**

***Alessandra de Souza Gouveia***

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Pontal da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal, da Universidade Federal de Uberlândia (FACIP/UFU). Possui graduação em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás (2015). Especialista em Educação para as Ciências e Humanidades pela Universidade Estadual de Goiás (2017). Exerceu atividades de extensão a partir do programa Pró Licenciatura (2015) e atividades de Monitoria (2014) para acadêmicos da disciplina de História do Pensamento Geográfico na Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Quirinópolis. Foi professora de Geografia no Colégio Expansão de Santa Maria dos Anjos, de Quirinópolis - GO.

---

**Sobre o autor**

***José Novais de Jesus***

Doutorando em Geografia Humana pela Universidade Federal de Goiás - IESA (2016). Possui graduação em Geografia (Licenciatura) pela Universidade Estadual de Goiás (2004), campus da Cidade de Goiás e mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Goiás no Instituto de Estudos Socioambientais (2010). É professor do curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás, campus de Quirinópolis. Atua na área de geografia humana com ênfase em geografia agrária; ensino de geografia e estágio supervisionado.

---

Artigo Recebido em Agosto de 2017.  
Artigo aceito para publicação em Outubro de 2017.